

OPINIÃO

Diplomacia de caridade



**VIRIATO
SOROMENHO-
-MARQUES**
*Professor
universitário*

É positivo que as empresas portuguesas possam receber apoio do banco de fomento alemão, KfW. É importante que o ministro Schäuble se preocupe com os jovens desempregados em Espanha e em Portugal. Mas que a Alemanha resolva adotar medidas bilaterais avulsas em vez de mudanças sistémicas na sua estratégia é apenas mais um episódio da tragédia europeia em curso. O fracasso da liderança alemã na resposta à crise é duplo. Em primeiro lugar, teme emendar as causas estruturais que aprofundam a atual fragmentação financeira na Zona Euro, o que leva a que, por exemplo, uma empresa alemã medíocre tenha acesso a um crédito muito mais barato do que uma empresa portuguesa, mais inovadora e com mais potencial. Em segundo lugar, Berlim procura negar a sua paternidade na prossecução duma austeridade que no fim da estrada poderá levar os países "periféricos" à indigência, e os

seus credores a arcarem com um monumental calote. Os empresários portugueses receberão os empréstimos a uma taxa de juro ligeiramente superior à da dívida pública alemã. Com isso, ficarão também contentes os exportadores alemães, representados na associação das câmaras de comércio (DIHK), que manifestaram o seu pessimismo com a queda das exportações para a Zona Euro (que regrediu 0,2% no primeiro trimestre). Mas haverá que seguir um ritual de vassalagem: o Bundestag tem de dar um aval formal. A boa vontade da iniciativa alemã apenas sublinha que passámos, na Europa, da lógica multilateral entre Estados iguais para a lógica bilateral da balança de poder entre potências desiguais. O federalismo, sempre evitado por retirar poder aos governos para o conceder aos cidadãos, deu lugar à diplomacia de caridade da potência hegemónica para com os seus protetorados.